



CARTA DE APRESENTAÇÃO

Trabalhadoras, trabalhadores e estudantes da Fiocruz, é com grande satisfação que nos apresentamos a todos vocês como alternativa à direção da Asfoc-SN nas eleições que acontecerão em novembro. Nos constituímos – e nos renovamos - a partir de um grupo que, três anos atrás, tomou a decisão de concorrer ao sindicato, rompendo com uma cultura de silenciamento das divergências que acusava – e ainda acusa – qualquer disputa democrática como “divisionismo” e enfraquecimento institucional.

Hoje somos muitos, somos mais, somos diversos. Ao lado dos 14 nomes inscritos na chapa, somos um grupo muito maior de trabalhadores e estudantes que reivindicam diariamente a defesa desta instituição, do serviço público, das políticas sociais e dos direitos de todos os trabalhadores. E isso se materializa na proposta de um sindicato classista, autônomo e construído pela base.

Mais do que um princípio, essa é uma exigência da conjuntura. Afinal, o mito de que era possível defender os interesses corporativos dos servidores da Fiocruz a despeito do que ocorresse com o resto do mundo simplesmente caiu por terra num momento como o atual, em que a intensidade da crise política e econômica leva a um ataque orquestrado e indiferenciado ao conjunto da classe trabalhadora. Ameaças como a reforma da previdência – que propõe extinguir o regime próprio do funcionalismo -, o Plano de Demissão Voluntária (PDV) e a reestruturação das carreiras do Executivo são exemplos mais do que suficientes de que nós, servidores públicos, estamos no centro dessa batalha. A realidade brasileira hoje é pedagógica também ao mostrar que, para defender os servidores públicos, é preciso defender as instituições públicas, as políticas públicas que elas desenvolvem e a parcela da população a quem elas servem. No nosso caso, isso significa que a luta por melhores salários, progressão na carreira, condições de trabalho e aposentadoria não pode estar descolada da luta pelo SUS, pela educação pública, pelo desenvolvimento da ciência & tecnologia e pelos direitos de toda a classe trabalhadora que depende dessas políticas. Talvez hoje a conjuntura adversa torne isso mais claro, mas essa convicção – de que a luta corporativa é fundamental mas insuficiente – é o que orienta, desde sempre, uma concepção de sindicato classista.

Também como temos sentido na pele, a expressão política desse ataque aos direitos conquistados tem sido o avanço do conservadorismo, da repressão, da restrição às

liberdades de organização e à autonomia de instituições de ensino e pesquisa como a Fiocruz. Por tudo isso, pela defesa dos trabalhadores e até da própria instituição, é preciso cada vez mais garantir a independência do sindicato em relação a qualquer gestão e governo. Para além da conjuntura, no entanto, essa é a clareza que orienta, também desde sempre, uma concepção de sindicato autônomo.

É longa a lista de retrocessos e ameaças. Mas é preciso não perder de vista que, em alguma medida, todas elas estão embaladas numa derrota maior, de toda a classe trabalhadora: a derrota de uma estratégia de negociação pelo alto, que apostou todas as fichas na via da institucionalidade e na crescente desmobilização das massas. Essa estratégia, que acabou criando um abismo entre um corpo burocratizado de dirigentes e os trabalhadores que eles deveriam representar, culmina hoje com um triste recuo dos poucos direitos conquistados. Na Fiocruz, esse processo foi ainda mais intenso. Aqui, a desmobilização das bases e o burocratismo do sindicato vêm acompanhados de um processo de aparelhamento, cooptação e constrangimento de trabalhadores, com métodos indisfarçadamente autoritários que visam obstruir qualquer divergência e silenciar o debate. É contra essa estratégia - e como caminho para superar nossa derrota - que defendemos uma concepção de sindicato construído pela base, por todos os seus trabalhadores.

Só assim será possível lutar, de fato, em defesa da democracia. Não como um valor abstrato, simples palavra de ordem, e sim como prática concreta, que se dirige ao conjunto da sociedade mas se expressa também nas relações internas. Uma democracia de verdade. E isso exige que se lute contra as relações opressoras de trabalho, que se cobre transparência nas decisões que envolvem a coisa pública e, principalmente, que se combatam práticas autoritárias que abafam as divergências e, quando muito, reduzem a participação ao voto, burocrático e despolitizado. Afinal, o que a conjuntura também tem nos mostrado é que a recusa ao debate está na raiz da intolerância e da violência que se tornou marca dos dias atuais.

Por tudo isso, este é um convite para construirmos juntos um sindicato que seja de todos nós. **Por uma Asfoc de Luta!**

Acompanhe a Asfoc de Luta pelo página do facebook:

https://www.facebook.com/asfocdeluta/?ref=br_rs

Durante a campanha, envie dúvidas, críticas, sugestões pelo email:

asfocdeluta@gmail.com

Aguarde: em breve, você receberá o jornal com as nossas propostas